

Gramaticalização e Reanálise na Língua Portuguesa

Um estudo diacrônico*

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen¹

RESUMO: As condições sob as quais a *reanálise* de *ter* correu no Sintagma Verbal português são examinadas. A *gramaticalização* de *ter* é, então, vista como o *resultado* de processos nos quais vários níveis gramaticais se entrelaçam. Valoriza-se mais o caráter *processual* do fenômeno do que o seu *resultado* num sistema sincrônico.

INTRODUÇÃO

A *gramaticalização*, processo tipicamente diacrônico que segundo Meillet (1912:385), é um dos responsáveis pela introdução de novas formas gramaticais dentro de uma língua — o outro sendo a *inovação analógica* — tem sido muito pouco compreendida no seu aspecto processual, isto é, dinâmico. Mesmo a identificação de sua natureza diacrônica (Cf. Gonçalves, 1987: 11) é, por vezes, obliterada devido ao predomínio de uma atitude sincrônica dos lingüistas em relação à língua². A conceituação do fenômeno dada por Mattoso

* Recebido para publicação em abril de 1988.

1. Professora de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

2. Posição bastante disseminada entre os lingüistas modernos, cuja atitude perante o fenômeno da linguagem ainda reflete o pensamento estruturalista e saussureano ao privilegiar os estudos sincrônicos em detrimento dos diacrônicos. Veja-se, a este respeito, Lehmann, W. P. (1968) «Saussure's Dichotomy between Descriptive and Historical Linguistics».

Câmara no Dicionário de Filosofia e Gramática (DFG), por exemplo, parece ser valorizada mais pela informação de natureza sincrônica que contém, do que pela caracterização diacrônica do fenômeno:

“Gramaticalização — processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, ou palavras (v.), providos de semantema, em vocábulos gramaticais (v. vocábulos). É em princípio a origem diacrônica de todos estes últimos vocábulos. *Quando num estado lingüístico coexistem a palavra e o vocábulo gramatical, decorrente da gramaticalização, tem-se um caso de derivação imprópria (v.) ex.: salvo — participípio ou preposição (O menino está salvo — Entraram todos, salvo ele...*” (grifo meu)

(Câmara Jr., J. Mattoso, 1968 : 177)

É, portanto, um processo que, embora conhecido dos diacronistas e dos sincronistas, o é mais pelos *resultados* que acarreta num sistema sincrônico (visto como estático, portanto) do que propriamente pelos *mecanismos* envolvidos no processo como um todo e pelas *condições* sob as quais ocorre (Cf. Bynon: 1985 : 106).

O objetivo deste trabalho é duplo: valorizar o aspecto dinâmico ou processual da gramaticalização, tentando estabelecer *condições* específicas de ocorrência do fenômeno e associá-lo a um processo geral de *reanálise* (Cf. Timberlake, 1977, Lightfoot, 1979). Para tanto discutiremos a gramaticalização e reanálise de *ter* no Sintagma Verbal (SV) português. A presente discussão baseia-se tão somente em dados do Português, mas acreditamos que as idéias aqui apresentadas sejam relevantes para outras línguas românicas.

GRAMATICALIZAÇÃO E REANÁLISE NO SV

No âmbito da romanística são casos clássicos de *gramaticalização*, observados e tratados através de seus *resultados*, o do futuro sintético românico, evidenciado no português *amarei*, (Fr. j'amerai), em que a forma verbal *habeo* — de um verbo com significado lexical completo presente na perífrase latina *amare habeo*, da qual o futuro deriva — passa a ser um marcador de Tempo e Pessoa gramaticais nas línguas românicas; e ainda o do uso de *ter* como auxiliar nas perífrases de perfeito no Português.

Neste último caso, o verbo *ter*, em períodos anteriores da língua, nas perífrases da qual o Pretérito Perfeito Composto do Português se origina, apresenta significado de 'posse' facilmente perceptível (Cf. Cohen, 1983) e admite um complemento (Objeto Direto), como em (1) e (2), do Português Arcaico/Médio³. Neles o Particípio Passado (PP) concorda com o complemento em gênero e número.

- (1) "*Tenho visto e ouvidos muitos enxemplos.*"
(sec. XV, Leal Conselheiro: 212, apud Huber, 1986)
- (2) "...quando foy luz, *tiinha* ele ja *andadas duas leguas.*"
(sec. XIV, SCC, apud Nunes, 1953 : 154)

No Português Contemporâneo, o verbo *ter*, nas formas derivadas de TER+PARTICÍPIO PASSADO, isto é, nas perífrases de perfeito procedentes do modelo latino *habeo scriptas litteras*, (Cf. Câmara Jr., 1976:1 67/8; Elia, S., 1979: 225/9) converteu-se em verbo auxiliar, passando a ser um mero depositório das categorias de Pessoa/Aspecto⁴ do sintagma verbal ao qual pertence, como em (3) e (4). Diferentemente de (1) e (2), em (3) e (4) o Particípio Passado não concorda com o complemento.

- (3) *Tenho visto e ouvido muitos exemplos.*
- (4) *Tinha* ele já *andado duas léguas.*

Os casos citados acima estão muito aquém de fornecer uma descrição adequada do processo de gramaticalização neles envolvido: apenas um *registro* das *mudanças lingüísticas* e de seus *resultados* são apresentados, sem quaisquer referências tanto aos *mecanismos* de realização da gramaticalização, quanto às *condições* para efetivação da mesma⁵.

3. Estamos adotando aqui a terminologia de Epiphânio Dias (1918), que emprega a expressão 'Português Arcaico/Médio' no lugar de 'Português Arcaico'.

4. Na verdade, no Pretérito Perfeito Composto do Português Contemporâneo a categoria Tempo parece não existir. O Aspecto verbal predomina sobre o Tempo.

5. Apesar de breve e condensado, o estudo sobre as perífrases com *ter* do Português que mais revela o aspecto processual da evolução é o de Naro & Lemle (1976). No entanto, os autores não chamam ao fenômeno *gramaticalização*.

Segundo Bynon (1985: 105/6), a gramaticalização caracteriza-se por ser um processo complexo no qual vários níveis gramaticais entrelaçam-se. No caso do futuro românico houve uma mudança no significado léxico do segundo verbo, concomitante a uma mudança nas relações sintáticas entre os constituintes, que acarretaram uma alteração profunda no 'status' sintático da estrutura como um todo. Isto é, apesar de o processo ter produzido um efeito sintático, ele envolveu mecanismos de natureza gramatical diversificada.

Nas perífrases de perfeito com *ter* várias etapas podem ser identificadas no processo que culmina na gramaticalização verbal. Pode-se, primeiramente, falar de uma substituição de *haver* por *ter*, um fenômeno de natureza léxica, portanto⁶.

Os textos mais antigos em Língua Portuguesa (séc. XIII, XIV, XV) registram sempre *aver* nas construções perifrásticas. Por volta do século XIII, *ter* aparece em variação com *aver*, até que aquele predomina sobre este nas perífrases de perfeito, mas não o elimina totalmente: o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto ainda admite *haver* no Português Contemporâneo, sendo que outros tempos não o admitem. Veja-se (5) e (6):

- (5) O problema já *havia/tinha* sido resolvido quando a perícia chegou.
- (6) João *tem/*há comido* muito pão.

Além da substituição, um esvaziamento semântico de *ter* ocorreu nas perífrases de perfeito ('semantic bleaching', nos termos de Vincent, 1980).

No século XVI, a variação entre formas como (7), (8) e (9) sugere que *ter* já tinha, nesta época, sido reanalisado como verbo auxiliar.

- (7) "E, porque, como vistes, *tem passados*
Na viagem, tão *ásperos perigos*,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos."

(Lus. I, 29)

6. A substituição de *haver* por *ter* parece ter-se dado em, no mínimo, dois momentos: *ter* substitui *haver* como principal e, depois, como *auxiliar*.

(8) "Nas águas *tem passado o duro inverno,*"

(Lus. I, 28)

(9) "Co'ódio que *ocupado os peitos tinha*

(Lus. IV, 4)

Segundo Bynon (1985: 116), uma das características do auxiliar seria não atuar na seleção do Sujeito da construção na qual ocorre, como o prova a história do auxiliar inglês *can*. O que parece ser relevante para a história do auxiliar *ter* no Português não é o fato de este selecionar ou não os Sujeitos, mas o fato de o Particípio não admitir complementos, fato evidenciado pela ausência de concordância do auxiliar com o Objeto no Português Contemporâneo. Diferentemente das línguas germânicas, em que a condição de identidade dos sujeitos (Condição Equi) atua na reanálise que transforma verbos de conteúdo nocional em verbos auxiliares, nas línguas românicas a condição de identidade parece envolver o *Objeto* do verbo na forma participial e o *Sujeito* do verbo *ter* ou *haver*. A característica de uma construção como (4), do Português Contemporâneo, por exemplo, não se limita ao fato de o Sujeito do SV como um todo ser *ele*, mas é especialmente caracterizado pelo fato de o agente de *andar* e o Sujeito de *ter* terem o mesmo referente nesta fase da língua.

(4) *Tinha ele já andado duas léguas.*

Em (7), o particípio *passados*, com o significado de 'experimentados, vivenciados', concorda com o objeto em gênero e número: *passados* e *ásperos perigos* encontram-se ambos no masculino plural.

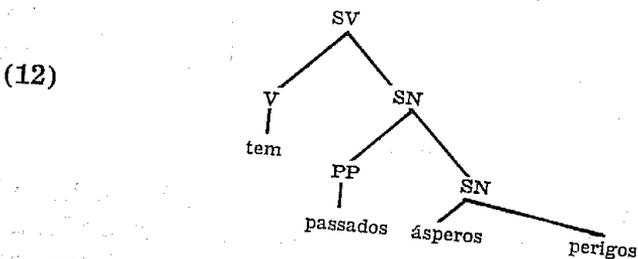
No exemplo (8) esta concordância também é evidenciada: embora o significado de *passado*, no caso, não seja o de 'experimentado', 'vivenciado', mas antes 'permanecido', e o 'status' sintático de Objeto Direto de o *duro inverno* pareça ser questionável, *passado* está no masculino singular, assim como o *duro inverno*.

Interessa-nos aqui principalmente saber que, em (9), o particípio não concorda com o Objeto: 'os peitos' está no masculino e plural, mas o particípio passado 'ocupado' permanece inalterado, à maneira do Português Contemporâneo. Camões não diz 'ocupados os peitos tinha', apesar de esta estrutura potencialmente ter podido ocorrer. Neste caso, o complemento em acusativo se pospõe ao Particípio Passado, caso em que a concordância é optativa nesta

fase da língua (Cf. Huber, 1986: 282). Levando-se em conta esta possibilidade de variação (presença/ausência de concordância entre o particípio e o Objeto) pode-se admitir que, nesta época, *ter* já tenha sido reanalisado como auxiliar. Acreditamos que a concordância ainda presente em formas como (7) e (8) sejam um sinal de que o verbo *ter* era, ainda, de certa forma, sentido como um verbo de significado lexical pelos usuários da língua, ou seja, 'passados ásperos perigos' em (7) era um SN. O mesmo já não é evidenciado em (9): neste, 'tinha ocupado' já teria sido reanalisado pelo usuário como um SV, que como um todo incorpora a si o OD 'os peitos'.

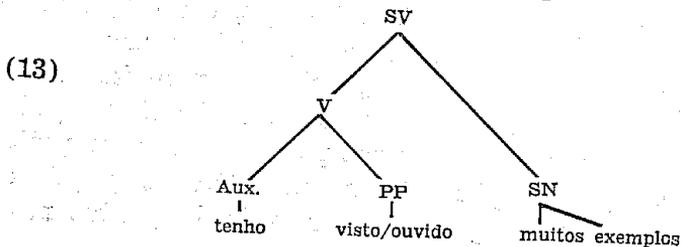
Essa concordância nominal (em gênero e número) é evidência de que Particípio Passado+Objeto Direto constituíam um sintagma nominal nesta fase da língua. A estruturas como (7) pode ser atribuída uma descrição sintática superficial como a de (12), em que o sintagma verbal é constituído de um verbo e de um sintagma nominal.

(7) "...tem passados... ásperos perigos..."



Já em estruturas do tipo de (3), do Português atual, que repetimos abaixo, nas quais a reanálise de *ter* como auxiliar já ocorreu, o Particípio Passado é um constituinte do SV, não do SN. Veja-se (13).

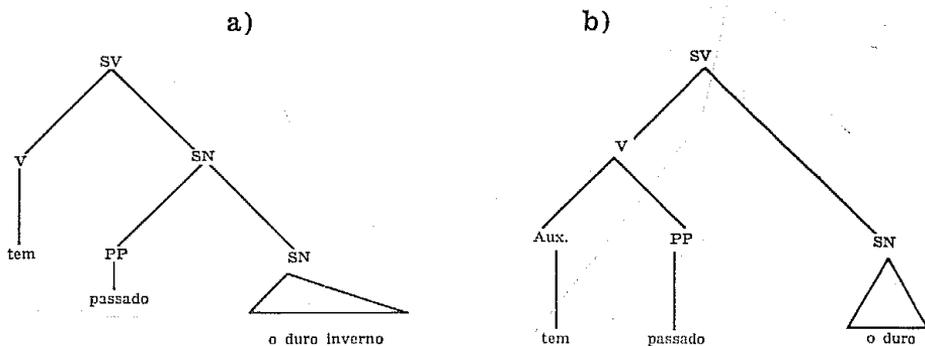
(3) Tenho visto e ouvido muitos exemplos.



Exemplos que apresentem a ordem Sujeito/ter/PP/OD e no qual OD e PP estejam ambos no masculino singular, como (8), não são facilmente encontrados até o século XVI. Este tipo sintático é, ao nosso ver, o que apresenta as condições necessárias para a reanálise de *ter* de verbo nocional para auxiliar⁷.

Veja-se que (8) pode ter uma leitura dupla, uma vez que o gênero e número do Objeto (Masculino Singular) coincidem com o gênero e número do Particípio Passado, de acordo com a regra de concordância vigente na época (cf. (14)). Acrescentando-se a isto o fato de a forma não-marcada do Particípio Passado no Português atual ser semelhante ao masculino singular é que se pode postular que o masculino singular do OD e PP fornecem as condições para que a reanálise se efetive. 'Tem *passado* o duro inverno' (séc. XVI) tem exatamente a mesma forma superficial de 'Tenho *ouvido* muito comentário por aí' do Português atual.

(14) Dupla análise para (8)



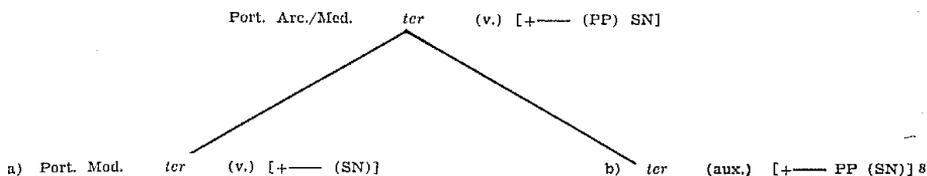
A estrutura é, portanto, 'opaca', (Cf. Lightfoot, 1979), e precisa ser reanalisada. No mínimo duas condições parecem ser necessárias para que esta reanálise tenha lugar: a) a concordância formal em gênero entre Objeto e Particípio, que deve ser necessariamente no Masculino Singular, provavelmente devido a outros padrões sintá-

7. Silva Neto (1986: 507) arrola a concordância de complemento direto como uma particularidade sintática do século XVI. Isso não invalida, ao nosso ver, a hipótese levantada aqui, de que a estrutura em questão já teria sido reanalisada nesta época, uma vez que a eliminação da forma antiga não se dá repentinamente.

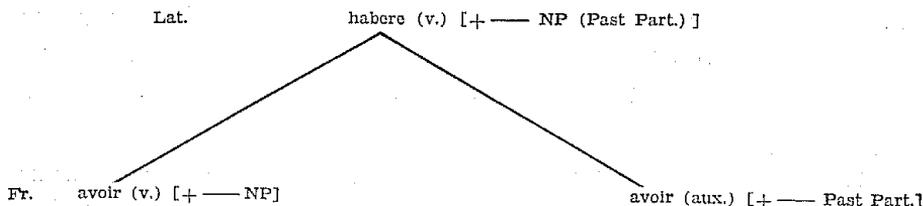
ticos existentes na língua da época, nos quais o Masculino era sentido como o gênero 'não-marcado'; b) o agente do verbo na forma participial não pode ser expresso. Esta sub-especificação formal da construção como um todo, isto é, o fato de, em (8), não ficarem expressos formalmente na sentença, de maneira não-ambígua, o Sujeito de *tem* e o agente de *passado*, é que permite ao falante interpretar os dois como tendo o mesmo referente, isto é, *os portugueses*.

O aspecto sintático da mudança em discussão pode ser formalizado como em (15) e interpretado da seguinte forma: o verbo *ter*, no Português Arcaico/Médio admitia um SN como complemento, e, opcionalmente, um Particípio Passado. No Português Moderno, vê-se que este desmembrou-se em dois: tanto pode ser um verbo de significado lexical, ocorrendo antes de um SN, conservando uma de suas acepções e ambiente sintático antigos (a); quanto um auxiliar, antes de um Particípio Passado, com um ambiente sintático e acepção novos (b). (Cf. Vincent, 1980, para o Francês). Houve uma reorganização sintática dos constituintes: o Particípio Passado, de um constituinte do SN na fase antiga da língua, passa a ser um constituinte do SV, na fase moderna.

(15)



8. A ordem dos constituintes postulada por Vincent (op. cit.) para o Francês, não é mantida por nós:



Não pretendemos lidar com a noção de estrutura subjacente que está implícita no trabalho de Vincent, mas, pelo contrário, salientar que a reanálise ocorre na superfície.

Nos parágrafos precedentes postulamos a existência de um processo de reanálise envolvido no fenômeno geral da gramaticalização de *ter* e explicitamos algumas das condições necessárias para que a mesma possa ter se realizado. Como resultado destes processos, *ter* figura, na língua contemporânea, tanto como um verbo de conteúdo nocional, retendo características do Português Arcaico/Médio na fase atual da língua, quanto como um verbo auxiliar, em ambiente sintático novo, e desprovido de significado lexical.

RÉSUMÉ: Dans cette étude sont examinées les conditions sous lesquelles la *réanalyse* du verbe "ter" est arrivée au syntagma verbal portugais. La *grammaticalisation* de "ter" est vue comme le *résultat* de processus dans lesquels les différents niveaux grammaticaux se relient. Le caractère *processuel* du phénomène est plus valorisé que son résultat dans un système synchronique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYNON, Th. «Serial Verbs and Grammaticalization». In: Piepel Strickel. ed. *Studia Linguistica Diachronica et Synchronica*. Berlin, Mouton. 1985.
- CÂMARA, Jr. & MATTOSO, J. *Dicionário de filologia e gramática*. 3 ed. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1968.
- . *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- COHEN, M. A. «Periphrastic Conjugation in Portuguese». In: Seminário de Linguística Histórica. Londres, 1983. Comunicação.
- ELIA, S. *Preparação à lingüística românica*. 2 ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.
- GONÇALVES, V. *Aspectos da gramaticalização em português*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1987. (Dissertação de Mestrado) (Inédita)
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. 1ª ed. 1933. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- LEHMANN, W. P. & MALKIEL. *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.
- LIGHTFOOT, D. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- MEILLET, A. «L'évolution des formes grammaticales». *Scientia*, 12, 1912 apud BYNON, 1985.

- NARO, A. & LEMLE, M. «Syntactic Diffusion». In: Papers from the Parasession on Diachronic Syntax. Chicago, Chicago Linguistics Society, 1976.
- SILVA DIAS, E. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa, 1918.
- TIMBERLAKE, A. «Reanalysis and Actualization in Syntactic Change». In: Li, C. N., ed. *Mechanisms of syntactic change*. Austin, University of Texas Press, 1977.
- VINCENT, N. «Iconic and symbolic aspects of syntax». In: *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Sciences*, 1980. v. 19.
- , «Esse and habere in Romance». In: VINCENT & HARRIS, ed. *Studies in the Romance Verb*. London, Croom Helm, 1982.